

AMÓS 5:22-24

Por

Alan Rennê

TEXTO – AMÓS 5.21-24

21. Aborreço, desprezo as vossas festas e com as vossas assembléias solenes não tenho nenhum prazer.

22. E, ainda que me ofereçais holocaustos e vossas ofertas de manjares, não me agradarei deles, nem atentarei para as ofertas pacíficas de vossos animais cevados.

23. Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos, porque não ouvirei as melodias das tuas liras.

24. Antes, corra o juízo como as águas; e a justiça como ribeiro perene.

INTRODUÇÃO

“Creio que o primeiro dever da sociedade é o exercício da ética e da justiça”. Essas foram as palavras de um homem chamado Alexander Hamilton, que estava preocupado com a ideologia da Alemanha Nazista.

O terror que os nazistas infligiram sobre pessoas inocentes, distingui-se como uma das memórias mais vergonhosas e repugnantes dos anais da História. A guerra já era considerada como algo absurdo, mas os campos de morte de Hitler foram singulares porque a atividade central deles era o que veio a ser conhecido como “*assassínio industrializado*”. Isso associado à “*pesquisa médica*” que o dr. Joseph Mengele realizava nos prisioneiros, de bebês e adultos, faz essa realidade histórica parecer quase incompreensível.

Apesar de não termos algo parecido no nosso país, podemos notar outra triste realidade, não apenas internacional, mas acima de tudo nacional: a injustiça social e a falta de ética por parte dos governantes. Quando voltamos a

nossa atenção para exemplos como o da Alemanha Nazista e do Brasil, ficamos estarecidos em poder perceber quão rapidamente uma nação pode desvalorizar a vida humana e criar leis que suprimem os direitos humanos mais básicos. Aquilo que acontecia na Alemanha era considerado como legal, todavia, nem tudo que é legal é moral e eticamente correto. Os direitos humanos são dados por Deus e não determinados pelos governos.

Triste também é o fato de que este quadro geralmente tem conseqüências religiosas e espirituais na vida da nação envolvida. Um exemplo claro disso é o exemplo do povo de Israel, como nós podemos ver claramente no texto do profeta Amós.

ELUCIDAÇÃO DO TEXTO

Amós dirigiu sua mensagem ao reino do Norte (Israel), no século VIII a.C. (1.1), com todo o terror e a surpresa de um rugido de um leão. Neste tempo, Uzias reinava sobre Judá, e Jeroboão sobre Israel. Amós foi contemporâneo de Oséias e, no final de seu ministério, de Isaías e Miquéias. Ele foi um homem simples, dedicado aos seus afazeres rurais, pastor de ovelhas, boieiro e colhedor de sicômoros, ou seja, figos silvestres (7.14). Mesmo sendo de origem rural, era conhecedor das nações vizinhas e estava familiarizado com a história internacional de sua época.

A escrita de Amós é direta, simples e rica em figuras de linguagem, refletindo a vida de um homem do campo, que profetizou num tempo de prosperidade. O comércio se aquecera, e Israel voltara ao seu esplendor dos dias do rei Davi. Por força das armas, conseguiu recuperar territórios que havia perdido (6.13). Os êxitos militares e o aumento da riqueza despertaram no povo grande entusiasmo, mas isso se tornou a causa do surgimento das desigualdades entre os diversos grupos sociais. Os ricos ficaram mais ricos, e os pobres mais pobres. Daí surge a opressão dos poderosos sobre os mais humildes.

Nesse tempo de Amós, a vida religiosa se corrompeu, pois o culto se contaminou com as práticas pagãs, e as cerimônias religiosas perderam a autenticidade e a piedade.

A mensagem de Amós é uma forte e corajosa denúncia da injustiça social reinante. Alguns aspectos desta injustiça podem ser apresentados:

- O enriquecimento à custa dos pobres (3.10; 5.11; 6.1-7; 8.4-6);
- O suborno e a corrupção de juízes nos tribunais (2.6-7; 5.7-12);
- A opressão, a violência e a escravidão dos pobres (2.6; 3.10; 8.6);
- Mulheres ricas que, para viverem no luxo, estimulavam seus maridos a explorar os fracos (4.2,3);
- Comerciantes desonestos, sem escrúpulo, que deixavam os pobres sem possibilidade de comprar e vender as mercadorias por preço justo (8.4-8).

O trecho que acabamos de ler (5.21-24) trata especificamente das práticas religiosas tanto insinceras, quanto contaminadas com o paganismo. Aliados à estes pecados estão todos os outros citados anteriormente. Entretanto, nos deteremos nos versículos de 21-24 de Amós 5, e veremos como é importante adorar ao SENHOR Deus de forma correta, mas também acompanhados de uma vida caracterizada pela ética e justiça social.

TEMA

ADORANDO A DEUS PRECEDIDO POR UMA VIDA DE ÉTICA E JUSTIÇA SOCIAL.

TESE

Uma adoração ao SENHOR através de uma vida de ética e justiça social é deveras importante, pois a nossa fé deve ser expressa também em boas obras.

ORAÇÃO INTERROGATIVA

Por que é importante a adoração a Deus precedida por uma vida de ética e justiça social?

ORAÇÃO TRANSITÓRIA

É importante uma adoração precedida por uma vida de ética e justiça social por dois motivos:

I – A AUSÊNCIA DESSES ELEMENTOS É MOTIVO DO DESPREZO DE DEUS (vv. 21-23)

Amados irmãos, podemos perceber claramente através da leitura desses três versículos, que a tônica predominante da profecia contida nesse trecho é a rejeição por parte de Deus das práticas religiosas de Israel. Aqui são apresentados 7 (sete) elementos diretamente relacionados com o culto do povo de Israel: 1) as festas; 2) as assembléias solenes; 3) os holocaustos; 4) as ofertas de manjares; 5) as ofertas pacíficas; 6) os animais cevados e; 7) os cânticos. Entretanto, podemos perceber que todos esses elementos mencionados haviam sido profanados, apesar da assiduidade com a qual eram celebrados.

Outro fato importante que deve ser lembrado, é que não apenas os 4 (quatro) mandamentos concernentes à adoração a Deus haviam sido desrespeitados, mas os outros 6 (seis) referentes ao relacionamento do homem com o seu próximo haviam sido quebrados da mesma forma. Por todo o reino havia a prática da injustiça, da perversão, da imoralidade e da abominação. O povo de Israel estava mergulhado numa maldade sem dimensões tangíveis.

Amós juntamente com Oséias, Miquéias e Isaías era considerado como “*um dos profetas éticos do oitavo século*”. Isso se dava por causa da ênfase especial à exigência divina de uma conduta reta, pautada na ética por parte do povo de Deus. Entretanto, a preocupação com a ética e a justiça social

era praticamente acidental, pois antes de serem éticos, os profetas eram acima de tudo religiosos. Benjamin Warfield pregando sobre essa passagem afirmou: “*A insistência deles na conduta reta era em sua essência, religiosa em sua origem, e em sua raiz não era outra coisa senão religiosa*”. O ensino moral de Amós se derivava da sua maneira de compreender Deus, que se revelava como Deus reto, e não de qualquer teoria da Virtude e do Sumo Bem de qualquer filósofo.

Amós pode ser considerado como um tipo de Lutero, que solitário, acusou o prelado, os sacerdotes e a idolatria do estado, sob a própria sombra do “santuário do rei”. Ele gritou, apresentou àquele povo o sentimento que o SENHOR nutria por sua espiritualidade vazia e sua vida de maldade.

No v. 21 nós podemos perceber com muita sensibilidade tal sentimento através das palavras: “*Aborreço, desprezo as vossas festas...*”. O verbo $\gamma\tau\alpha\nu\upsilon$ (SANE'TIY), seria melhor traduzido como “*Eu odeio*”, este verbo denota exatamente a atitude emocional de Deus para com aquele povo. Aqui o SENHOR expressa que não deseja Ter nenhum contato ou relacionamento com aquela falsa religiosidade. O SENHOR odeia os dias de festa em Israel. Na verdade, tais solenidades se tornaram uma mera fachada para a hipocrisia, o engano e o adultério espiritual. Este verbo é usado em apenas duas outras passagens no Antigo Testamento, numa delas PROVÉRBIOS 6.16: “*Seis coisas o SENHOR aborrece, e a sétima a sua alma abomina*”. Assim podemos ver quão abominável é para o SENHOR uma religiosidade aparente, uma vida marcada pela opressão ao próximo. São condenáveis aos olhos de Deus essas práticas religiosas, pois os israelitas se achegavam a Deus sem uma afeição sincera. Por isso, Deus não sentia prazer com aquela falsa devoção, literalmente quer dizer que o SENHOR não aspirava o cheiro dessa adoração.

No v. 22 vemos como o SENHOR considerava pequenas as suas expressões de devoção e dedicação. Ele afirma que apesar da prática litúrgica estar correta, Ele não se agradaria, não atentaria para tal ato de hipocrisia. O SENHOR não se agradava dos holocaustos, cujo propósito era expressar

reverência à Deus, Ele não se agradava com as ofertas de manjares, onde os ofertantes prestavam tributo a Javé devolvendo-Lhe parte de sua criação, Ele não suportava as ofertas pacíficas, onde os adoradores queimavam no altar parte do animal sacrificado, dividiam uma parte com os sacerdotes e comiam a outra, junto com a família e os amigos, simbolizando sua devoção para com Deus e sua comunhão uns com os outros. O SENHOR sentia repugnância, na verdade tudo isso era como um mau cheiro por se constituir numa deturpação tão flagrante da adoração.

No v. 23 vemos que o SENHOR exigia a eliminação até mesmo das expressões de adoração mais fervorosas e celebrativas. Os gemidos dos menos favorecidos, dos pobres, contrastavam com a gritaria ensandecida e hipócrita do povo. A vida do povo não era uma vida pautada pela ética nem pela justiça social, portanto, a adoração não continha nem oração verdadeira nem louvor verdadeiro. No Salmo 33.2,3 Deus convoca o povo a tocar seus instrumentos e cantar seus cânticos festivos. Todavia, a pecaminosidade do povo era tão grande que vemos o quanto Javé estava irado, a ponto de evitar, rejeitar aquilo que em geral Ele mais desejava. Os abusos, os pecados contra o próximo eram imensos. Os pobres clamavam nas praças, enquanto eles tinham as suas terras tomadas, os ricos possuíam grandes casas, castelos e grandes vinhas. A opulência e a ganância aumentavam a cada dia em detrimento da ética e do amor pelo próximo. Vemos aqui perfeitamente que a ausência da ética e da justiça social era motivo do desprezo e da ira de Deus.

Com todos estes serviços, eles acreditavam que podiam compensar os pecados cometidos e obter licença para continuarem na iniquidade. Por essa razão, eles estavam longe de serem aceitos por Deus. Por causa disso, *o Dia do SENHOR seria um dia de trevas e não de luz* (Amós 5.18).

ORAÇÃO TRANSITÓRIA

É importante uma adoração precedida por uma vida de ética e justiça social por dois motivos:

II – A CONTINUIDADE DESSES ELEMENTOS É UMA EXIGÊNCIA DE DEUS (v. 24)

Vemos aqui neste versículo uma declaração por demais enfática da parte de Deus, onde Ele expressa claramente qual o seu desejo, qual a sua vontade: *“Antes, corra o juízo como as águas; e a justiça como ribeiro perene”*. A vav conjuntivo no início da sentença tem um sentido adversativo, mostrando como o desejo do SENHOR era diametralmente oposto às práticas religiosas destituídas de qualquer verdade e de uma vida reta e justa para com o seu próximo.

O profeta Amós utiliza aqui uma símile mencionando as águas, que eram particularmente eficazes num contexto em que a maioria dos cursos d’água eram sazonais, ou seja, abundavam nas estações chuvosas com água vivificante e ressequidas durante o verão longo e quente. Esta figura de linguagem também servia para mostrar que a justiça e o direito eram profundamente essenciais para a vida e a fé de Israel.

A vontade do SENHOR confrontava-se com a vida imoral da nação, caracterizada pelo utilitarismo egoístico, por uma vida cujo critério supremo da moral era unicamente o interesse e a vantagem pessoal. Em vez de um utilitarismo egoístico, o povo deveria se preocupar em viver um utilitarismo altruístico, onde o que deveria prevalecer era a utilidade, o interesse e a vantagem da coletividade.

Ao afirmar: *“corra o juízo como as águas; e a justiça como ribeiro perene”*, o SENHOR estava requerindo uma reforma geral de vida, de conduta no meio do povo. Amós conclama o povo a observar a justiça do SENHOR e ser influenciado pelo mesmo. O povo deveria deixar que as suas vidas, as suas

terras fossem banhadas (irrigadas) com o juízo e o direito. Toda a oposição proveniente de maus hábitos e profanações deveriam ser transportadas para baixo. A justiça e o juízo deveriam inundar a conduta da nação como um poderoso rio.

Os magistrados e os monarcas não podiam permitir que a ética, o direito e a justiça social fossem barrados por imoralidades e roubos, antes, esses elementos tinham que vir livremente como as águas fazem, deveriam seguir um curso natural, ser puros como as águas correntes. Jamais poderiam ser enlameados com a corrupção ou qualquer tipo possível de perversão. A partir do momento em que a nação se voltasse novamente para os caminhos do SENHOR, a ética e a justiça social correriam como um ribeiro perene, e este mesmo ribeiro não sofreria nenhuma obstrução ou teria o seu curso retardado. O resultado imediato seria análogo às palavras do Salmo 1.3: *“Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido”*.

Devemos compreender que nesse contexto, Deus está atuando como seu próprio sacerdote. Ele declara que as ofertas de Israel são impróprias não devido à impureza dos rituais, mas por estarem destituídos de atos de justiça e retidão. Esta admoestação por parte do SENHOR explica o porquê da reprovação da adoração israelita. Esta adoração não vinha acompanhada de uma dedicação abundante (corra... como as águas) e constante (perene).

Apesar da severidade, a passagem oculta uma ponta de esperança: a forma de admoestação sugere que a mudança, embora improvável, ainda é possível. Aqueles que procuram adorar o nome de Deus devem ser aqueles que honram o caráter do SENHOR, tanto em palavras como em ações. O interesse pelos direitos e pelo bem-estar do próximo, flui como um rio caudaloso no coração daquele que verdadeiramente quer servir à Deus.

Uma nação em aliança com o SENHOR não poderia viver sem isso, assim como não poderia viver sem um suprimento adequado e constante de água.

CONCLUSÃO

Amados irmãos, vimos o desprezo da parte de Deus para com a falsa religiosidade do povo de Israel e as exigências que Ele fez ao povo. Estas mesmas exigências são relevantes à todos nós que professamos adorar o nome do SENHOR. Não podemos viver um cristianismo de aparências onde as pessoas necessitadas da nossa comunidade têm os seus direitos humanos mais básicos suprimidos, e onde as pessoas são movidas à adoração com o intuito de adquirirem a benevolência da parte de Deus para continuarem na prática do pecado.

O verdadeiro cristianismo exige de nós um interesse especial para com a viúva, o órfão, o pobre e o necessitado. Há um padrão único de moralidade para todos, mas o necessitado e o pobre devem receber tratamento igual ao dispensado ao poderoso e ao rico. Assim como no passado Deus levantou um homem chamado Amós, para condenar a injustiça social, hoje Ele quer que a Sua Igreja cumpra esse papel. Isso, lógico, através de cada cristão.

Se almejamos ser como ribeiros plantados junto a correntes de águas, devemos atentar para o caráter santo do SENHOR e permitir que o direito e a ética sejam abundantes em nosso meio, pois AMAR A DEUS E AO NOSSO PRÓXIMO É MELHOR QUE TODO HOLOCAUSTO E SACRIFÍCIO!

SOLI DEO GLORIA!

Alan Rennê Alexandrino Lima